



A Santa Sé

**DISCURSO DO SANTO PADRE PAULO VI
AOS PARTICIPANTES DO
II CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL DE PORTUGAL**

Quarta-feira 8 de junho de 1974

*Ao Venerável Irmão Francisco Maria da Silva
Arcebispo de Braga*

Em cinquentenária evocação do primeiro, o II Congresso Eucarístico Nacional vai levar outra vez os fiéis de Portugal, com os seus Pastores, a essa histórica cidade de Braga. Guia-os o comum intento de aí render um preito solene e público, de fé, amor e devoção a Cristo Senhor, na Eucaristia. Nele irão participar, certamente, todos os católicos desse dilecto País, profundamente irmanados em torno da mesa do Altar pelo amor com que Deus a todos nos amou primeiro (Cfr. *Io.* 4, 10) como a filhos, ao enviar-nos o seu Filho.

Queremos afirmar-Nos presente nessa comunhão de amor, na qualidade de Sucessor de Pedro e de Vigário de Cristo; e qual «perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade de toda a Igreja, não só dos Bispos que compõem o Colégio Episcopal, mas também da multidão dos fiéis» (Cfr. *Lumen Gentium*, 23), com idêntico afecto como se aí estivéssemos em pessoa e acompanhando o bem programado Congresso com a Nossa oração, a todos desejamos «graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e da de Jesus Cristo, nosso Senhor» (2 *Tim.* 1, 2).

Numa só alma e num só coração, a parcela da Igreja aí congregada vai entoar jubilosos hinos de louvor ao Deus conosco, no Sacramento do Altar, e celebrar a Eucaristia também como «sinal de unidade, vínculo da caridade e banquete Pascal». Peregrinar-se-á precisamente para isso: para urna comunhão em Igreja, pela Comunhão eucarística.

Na herança perene da doutrina católica - formulada já por Santo Agostinho em unísono com outros Padres e claramente reafirmada pelo recente Concílio Ecumênico - diz-se-nos que na

celebração da Eucaristia vem à luz, de modo particular, a Igreja universal como Corpo de Cristo.

Assim, ao tomarem a «verdadeira comida» e «verdadeira bebida», penhor de vida eterna prometida (Cfr. *Io.* 6, 55-58), os fiéis comungam e afirmam tanto mais a presença da Igreja, nas suas legítimas Comunidades locais, quanto mais testemunharem a unidade na caridade.

Conscientes desta realidade e conhecedores de que, de per si sacramento e instrumento da união dos homens com Deus, a Igreja é ao mesmo tempo sinal levantado diante das nações para incentivar a unidade do género humano, os congressistas vão certamente dar-se as mãos, numa comum atitude de testemunho e de procura, na fé, na esperança e na caridade, «à luz que veio a este mundo, a fim de que todo aquele que crê não permaneça nas trevas» (Cfr. *Io.* 12, 46).

Momento privilegiado de procura, pois, para cada vez mais se captar e assimilar o mistério da morte e da ressurreição de Cristo, da sua Páscoa perpetuada na Eucaristia, o «Mistério da Fé», como fonte de «vida nova». E, neste Ano Santo, essa procura irá ser particularmente aderente às coordenadas da grande iniciativa eclesial - a renovação e a reconciliação - aliás, uma constante de mesma «vida nova em Cristo», condição para dignamente «apresentar a oferenda ao altar» (*Matth.* 5, 23) e participar na Eucaristia (Cfr. *1 Cor.* 11, 27); e, ademais, constituem o núcleo da evangelização cometida à Igreja: na hora da despedida, de facto, ao abrir aos discípulos a mente para entenderem as Escrituras, o Senhor falou-lhes assim: «Está escrito que o Messias teria de sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que se teria de pregar, em seu nome, penitência e perdão dos pecados, a todas as nações» (*Luc.* 24, 46-47).

Ao redor da mesa do Altar, em que se renova o único Sacrifício redentor da Nova Aliança, começa um convívio fraterno em assembleia, adoradora de Cristo, Sacerdote e Vítima, e participante, se bem que de modo essencialmente diverso, do seu único Sacerdócio. Convívio com Cristo, que há-de ter continuidade, após a adoração comunitária, na adoração pessoal, no aconchego da própria intimidade e no silêncio indispensável para a oração e reflexão a sós com o mesmo Cristo, bom Pastor e Amigo, sacramental e realmente presente nos muitos sacrários da terra.

Pela Eucaristia, o encontro com Deus que se oferece sempre para o diálogo de amor a quem o busca com simplicidade de coração, levará o fiel a ter sempre consciência de si como pessoa e da sua identidade cristã, com a própria dignidade e responsabilidade: valores em que há-de assentar a fidelidade ao convívio ou comunhão com os irmãos, ou ao «mandamento novo» - «que vos ameis uns aos outros como eu vos amei» (*Io.* 15, 12).

Bem se andou, pois, ao apontar como objectivos do Congresso «reavivar a fé e a devoção ao Santíssimo Sacramento, procurar dar a Cristo Sacramentado o lugar que Lhe pertence, no culto e na vida cristã, pelo estudo da Liturgia e da Pastoral do II Concílio do Vaticano»; e, igualmente, ao dar-lhe como lema «a Eucaristia fonte de vida».

Procurar vivificar a própria fé e, no amor comungado, alentar a esperança, para a caminhada por vezes penosa no mundo e com o mundo, que há-de ser contagiado por tal esperança e unidade no amor, tem de levar ao testemunho com que o Pai será glorificado (Cfr. *Eph.* 1, 12) e se demonstrará ser discípulo atento do divino Mestre, o qual se entregou precisamente «pela vida do mundo». Assim, a santidade pessoal, a par das «rupturas» constantes com tudo o que é resíduo ou indício do «homem velho», comporta o crescimento do «homem novo», até se alcançar a medida da plena estatura de Cristo (Cfr. *Eph.* 4, 13).

Nesta vivencia da condição cristã, porém, mais do que situado e mais do que simples companheiro de peregrinação dos outros homens, o fiel tem de descobrir e actuar a fraternidade com todos os membros da família humana, que Deus quis fosse uma só e em Cristo alcançou uma nova dimensão. Na estrada de Emaús, outrora, dois homens desiludidos e mesmo desalentados, por não terem descoberto ainda Cristo redivivo, deram-se conta dessa dimensão, quando o terceiro companheiro de jornada que se lhes viera juntar - o próprio Cristo - lhes «partiu o pão» (Cfr. *Luc.* 24, 13 ss.). E essa descoberta fez com que não pudessem conter-se, sem ir logo partilhar com outros a sua felicidade.

Sim, a Eucaristia sensibiliza para o dever de repartir com os outros, antes de mais, o «pão» da mensagem e da obra da Salvação, na integridade das suas riquezas; mas a caridade impelirá o cristão a repartir o «pão» dos demais bens que desfruta e de que o seu semelhante se ache porventura carecido ou faminto; isto é, há-de levá-lo a tornar-se presente aos irmãos, com o testemunho vivido e bem concreto do amor de Deus, como exigência de verdade, de justiça, de respeito, de liberdade, de concórdia, de fraternidade e de paz, bens em que hão-de comungar todos, como urna família.

Daqui nasce urna responsabilidade solidária, no salvaguardar e no promover o bem comum de toda a grei, dos grupos intermediários e dos indivíduos que a integram, por urna participação esclarecida e generosa na vida da comunidade a que se pertence, assente em opções genuinamente cristãs, sempre respeitadoras, dignas e dignificantes da Mensagem do Evangelho e da própria vocação e condição eclesial.

Estamos confiante em que a assembleia que vai congregar-se nessa gloriosa cidade de Braga, repositório de tantos documentos da conhecida tradição portuguesa de fidelidade à Igreja e de devoção ao Santíssimo Sacramento e berço de Pastores e mentores insignes das mesmas, irá servir realmente para o seu incremento e renovação e, sobretudo, para um culto cada dia mais adorante do Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, centrado na Eucaristia e tornado vida, por um corajoso e sereno testemunho cristão.

E na fidelidade aos valores perenes de tal tradição e sob a guia sapiente e firme dos seus Pastores, à luz do programa de evangelização e de renovação e reconciliação, que de momento empenha a Igreja inteira, estamos certo de que a reforma litúrgica, em actuação a nível eclesial,

seguindo as directrizes do Concílio, também aí continuará a contribuir para urna mais consciente participação dos fiéis no mistério de Cristo e, pela sua vida, mais o exprimirem e o manifestarem aos outros.

Com os melhores votos por que seja coreado de bom êxito e fecundo em frutos espirituais esse II Congresso Eucarístico Nacional, invocamos sobre todos os participantes, pelo valimento de Maria Mãe da Igreja, as luzes e a assistência divinas. E, em penhor destas, concedemos ao Senhor Arcebispo e a todos os demais Irmãos Bispos de Portugal, bem como aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas e a todos os fiéis dessa dilecta Nação, como testemunho da Nossa especial benevolência, uma paterna e propiciadora Bênção Apostólica.

Vaticano, 25 de Maio de 1974

PAULUS PP. VI

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana